

BONECAS NEGRAS: TRABALHANDO A DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO LÚDICO

Ana Claudia Dias Ivazaki - Autora
Universidade Estadual da Paraíba
anaivazaki@gmail.com.br
Margareth Maria de Melo – Co-Autora
Universidade Estadual da Paraíba
margarethmmelo@yahoo.com.br

Resumo

Introdução: Cada vez mais as discussões sobre a questão etnicorracial têm ocupado espaço, nas escolas e na Educação Infantil. No entanto, ainda existem muitos tabus que cercam essa temática. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil recomendam que seja assegurado “O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, bem como, o combate ao racismo e à discriminação” (p.21). Em nossa vivência em sala de aula, nos amparamos na Lei 10. 639/2003, que estabelece “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (2003). Sendo assim, iremos apresentar um projeto, que foi vivenciado em 2012, 2013 e 2014, numa turma do pré-I, com crianças de 4 anos. **Objetivos:** Refletir com as crianças da Educação Infantil sobre a diversidade etnicorracial presente em nossa sociedade e da importância de respeitar e valorizar todas as matrizes que formaram o povo brasileiro. **Metodologia:** Escolhemos a ludicidade para “entrarmos” no mundo infantil, de uma maneira que as crianças pudessem valorizar a diversidade presente na nossa sociedade. Utilizamos-nos de bonecas negras e literatura. **Resultados:** As crianças passam a se observar, reconhecer, observar as diferenças ao seu redor. **Conclusões:** Assim, as crianças começam a identificar e valorizar todas as diferenças que se fazem presentes no cotidiano escolar. Esse trabalho, no entanto, não deve ser pontual, restrito a uma

determinada data ou mês, isto é, um trabalho contínuo durante o ano inteiro numa educação para a cidadania.

Palavras-chave: Ludicidade; Educação Infantil; Diversidade; Lei 10.639/2003.

BLACK DOLLS: WORKING CULTURAL DIVERSITY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION THROUGH LUDIC

ABSTRACT

Introduction: Increasingly, discussions about the issue ethnic-racial have occupied space in schools and Early Childhood Education. However, there are still many taboos surround this topic. The National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education recommend that "recognition, appreciation, respect and interaction of children with stories and African cultures are ensured, as well as the combat against racism and discrimination" (p.21). In our experience in the classroom, we admitted in the Law 10.639/2003, that establishes "In institutions of primary and secondary education, official and private, it becomes compulsory to teach about History and Afro-Brazilian Culture" (2003). Thus, we are going to present a project, which was experienced in 2012, 2013 and 2014, in a class of Pre-I, with 4-year-old children. **Objectives:** Reflecting with children from kindergarten on ethnic-racial diversity present in our society and the importance of respecting and valuing all matrices that formed the Brazilian people. **Methodology:** We chose playfulness to "enter" the world of childhood, in a way that children could appreciate the diversity present in our society. We used black dolls and literature. **Results:** The children start to observe, recognize, and realize the differences around them. **Conclusions:** Thus, children begin to identify and value all differences that are present in everyday school life. This work, however, should not be punctual, restricted to a particular date or month; it means that it is a continuous work during the whole year an education for citizenship.

Key Words: Playfulness; Early Childhood Education; Diversity, Law 10.639/2003.

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais, as discussões sobre a questão étnico-racial têm ocupado espaço nas escolas. Na Educação Infantil, isso não tem sido diferente. No entanto, ainda existem muitos tabus que cercam essa temática, muitas perguntas sem respostas. Seria realmente necessário abordar esse tema na Educação Infantil?

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil recomendam que sejam assegurados "o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das

crianças com as histórias e as culturas africanas, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (BRASIL, 2010, p. 21). Mesmo assim, muitos educadores ainda se questionam sobre a melhor maneira de abordar a temática.

Em nossa vivência em sala de aula, amparamo-nos na Lei n. 10.639/2003, a qual estabelece que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003). Sendo assim, iremos apresentar um projeto já vivenciado em 2012 e 2013, o qual ganhou continuidade no ano de 2014 numa turma de pré I (crianças de 4 anos de idade), com o objetivo de refletir com as crianças da Educação Infantil sobre a diversidade étnico-racial presente em nossa sociedade e a importância de respeitar e valorizar todas as matrizes que formaram o povo brasileiro.

2. TRABALHANDO A DIVERSIDADE CULTURAL

Ao longo das nossas vivências em Educação Infantil, temos observado a necessidade de oferecer às crianças uma maior diversidade de brinquedos, em especial aqueles que ofereçam uma maior representatividade da diversidade do povo brasileiro. Já em 2010, iniciamos o nosso trabalho com bonecas negras, tendo sido a primeira delas chamada de Maria. Foi confeccionada com muito carinho. Já surgiu do imperativo de se privilegiar a variedade, fugir dos estereótipos e da dificuldade de se encontrar bonecas negras num tamanho que atendesse à necessidade de sala de aula. No entanto, a boneca já foi “apelidada” no primeiro contato com os adultos, recebendo a alcunha de “Negra Maluca”.

A seleção de brinquedos envolve diversos aspectos: ser durável, atraente e adequado, apropriado a diversos usos, garantir a segurança, ampliar oportunidades para brincar, atender à diversidade racial, não conter preconceitos de gênero, classe social e etnia, não estimular à violência, incluirá diversidade de materiais e tipos: tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, professoras e pais (KISHIMOTO, 2010, p. 02).

Assim sendo, compreendemos que trazer bonecas que contemplem na geografia da sua estrutura as diferentes matrizes que deram origem ao povo brasileiro é uma excelente forma de trabalhar a autoestima das crianças negras, as quais, devido à cultura do branqueamento presente em nossa sociedade, não se inserem no padrão

europeizado como ideal de beleza a ser alcançado. Por outro lado, também, consideramos de suma importância trabalhar com as crianças o respeito à diversidade, sejam elas brancas ou negras. Também procuramos trazer literaturas que privilegiassem nossa diversidade e belezas, entre elas, a cultura negra, mostrando sua importante contribuição para a formação da identidade brasileira.

Há diferentes gêneros de histórias que envolvem as crianças. As histórias do mundo encantado dos contos de fadas, dos reis, bruxas e super-heróis têm uma estrutura contendo palavras como “Era uma vez”, “Depois”, “E viveram felizes para sempre”. O começo, meio e fim proporcionado por este gênero de literatura auxilia a criança a ampliar narrativas infantis. Nas histórias recriadas pelas crianças, a branca de neve virou morena de neves, trazendo as questões da diversidade; o lobo, da história da chapeuzinho vermelho, desdobrou-se no lobo do “bem” e do “mal”. O lobo bom vivia no zoológico e o mau era o homem que mandava matar os animais, um ocorrido no zoológico de São Paulo, de matança de animais. (KISHIMOTO, 2010, p.06).

Diversidades de brincadeiras são importantes para que, aos poucos, esse “padrão” europeizado seja quebrado nas salas de aula de Educação Infantil. Com ludicidade e delicadeza, podem-se introduzir outras brincadeiras que trabalhem a valorização do nosso povo. Nesse caso, é importante que os professores e a equipe que faz parte da escola proporcionem essas vivências para que, nas salas de aula e nos mais diversos espaços, onde for possível, exista uma multiplicidade de experiências que levem a um ambiente rico e multicultural, respeitando as culturas apresentadas pelas crianças e por suas famílias. Com isso, a escola vivenciará experiências significativas que fazem parte da realidade da comunidade em que atuam.

Essa troca faz efetivamente da escola um espaço democrático, em que seu papel vai além de mero “repassar” o conhecimento, mas, sobretudo, assume uma postura a partir da qual todos os saberes são levados em conta e valorizados em sua essência. Essa liberdade proporciona momentos riquíssimos, nos quais a criança se sente livre para se expressar e compartilhar aquilo que já sabe.

Nas brincadeiras de faz de conta, o pentear o cabelo no salão de beleza, diante do espelho, leva a criança a conhecer a cor de sua pele, o tipo de cabelo e apreciar a estética de seu grupo cultural. A mediação da professora, quando valoriza as características de cada uma, auxilia a construção da identidade da criança. Oferecer bonecas negras, brancas e objetos de enfeite de cada grupo cultural nas áreas de faz de conta possibilita vivenciar o modo de vida da criança e sua família (KISHIMOTO, 2010, p. 10).

Na sala de aula, essas vivências têm se mostrado bastante positivas. Muitas crianças que antes não gostavam de bonecas negras, passam a ter a vontade de adquiri-las. Durante a execução do projeto, uma das crianças voltou com a boneca negra “Aninha” acompanhada por outra menor e da mesma cor, afirmando:

- “Tia, essa é a filha de Aninha. O nome dela é Ana Maria” (I.¹ – 4 anos).

Uma mãe relatou:

- “Aninha foi o sucesso durante o fim de semana. Ela foi ao aniversário de meu marido e fez o maior sucesso!”.

Isso nos mostra como um projeto trabalhado de forma significativa ao longo do ano pode trazer resultados significativos, ocasionando, de forma singela, importantes questionamentos à equipe escolar e também à família.

3. METODOLOGIA

Escolhemos a ludicidade para “entrar” no mundo infantil, de modo que as crianças pudessem valorizar a diversidade presente na nossa sociedade. Escolhemos bonecas negras e livros literários que contemplassem a nossa diversidade. Entre eles, elencamos: *Que cor é minha cor*, de Martha Rodrigues; *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém; *Meninas Negras*, de Madu Costa; *Berimbau*, de Raquel Coelho; *Bruna e galinha d’Angola*, de Gesilga de Almeida; *O presente de Ossanha*, de Joel Rufino dos Santos; *A África de Dona Biá*, de Fábio Gonçalves Ferreira; *Maracatu*, de Sonia Rosa; *Minha Família é colorida*, de Georgina Martins; *O herói de Damião em a descoberta da capoeira*, de Iza Lotito; *A princesa Anastácia*, de Elma Neves, dentre outros.

Durante o projeto, uma das bonecas (Aninha) era “convidada” a passar o final de semana com a criança. Meninos e meninas levavam a boneca para casa e as vivências eram compartilhadas por meio de um relato escrito feito pelos pais e/ou responsáveis. As bonecas também participavam de todas as atividades realizadas pela turma, como roda de leitura, passeios, festividades e hora do lanche.

As observações eram registradas em diário de sala e os relatos enviados pelos pais eram armazenados e analisados posteriormente. Para análise, consideraram-se as situações mais recorrentes e aquelas inusitadas presentes nos relatos.

¹ Inicial do nome da criança.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como pudemos constatar ao longo da observação, nos relatos feitos por crianças e pais, bem como no registro feito em sala de aula, após um trabalho realizado no decurso dos anos de 2012/2013/2014, durante os quais se buscou valorizar outros padrões de beleza além do europeizado, as crianças ficaram mais atentas às suas características individuais, além daquelas de quem as cerca. Trabalhar a diversidade é, sobretudo, respeitar as diferenças individuais, valorizando-as.

O brincar não pode ser colocado em segundo plano, como algo a ser feito depois de *concluir as tarefas escolares*, pois é através do brincar que as crianças constroem e desconstroem hipóteses, solucionam problemas e desenvolvem múltiplas linguagens de maneira prazerosa. Para Moyles (2002, p. 22), “existem amplas evidências desta dificuldade nas escolas de educação infantil e de ensino fundamental, onde o “brincar” é frequentemente relegado às atividades, brinquedos e jogos que as crianças podem escolher depois de terminarem seu ‘trabalho’”. E complementa:

A lista de vantagens decorrente do brincar está crescendo rapidamente, mas ainda precisa incorporar muitos fatores. O brincar ajuda os participantes a desenvolver a confiança em si mesmos e em suas capacidades e, em situações sociais, ajuda-os a julgar as muitas variáveis presentes nas interações sociais e a ser empático com os outros. Ele leva as crianças e os adultos a desenvolver percepções sobre as outras pessoas e a compreender as exigências bidirecionais de expectativa e tolerância. As oportunidades de explorar conceitos de liberdade existem implicitamente em muitas situações lúdicas, e eventualmente levam a pontos de transposição no desenvolvimento de independência (MOYLES, 2002, p. 22).

É importante proporcionar às crianças vivências lúdicas em sala de aula. No entanto, ainda há quem questione a importância do brincar, relegando-o a segundo plano, como algo para “depois” das atividades consideradas principais.

Uma necessidade que se apresenta é a formação continuada de professores. A formação continuada é um importante pilar que contribui significativamente com a melhoria da qualidade da educação como um todo. Mediante um ininterrupto processo de formação, os profissionais têm a oportunidade de trazer para a sua prática um novo olhar. Esse constante aprimoramento é uma das ferramentas responsáveis pelo progresso efetivo nas unidades educacionais, inclusive na Educação Infantil, que há

até muito pouco tempo era vista como um espaço de cuidar desassociado do educar, do fazer pedagógico.

Na atuação profissional conjuga-se o a priori da experiência e o a priori da argumentação, a competência técnico-científica e a competência comunicativa. É aí, também, que se colocam os imperativos indeclináveis da formação continuada, quer no sentido de dar resposta aos problemas emergentes num mundo em transformação, quer no sentido da adequação e acompanhamento dos avanços tecnológicos e científicos e das conquistas sociais, quer na dimensão da reconstrução permanente, por parte do coletivo da profissão, dos instrumentos da elucidação pedagógica e da organização e construção das próprias práticas (MARQUES, 2006, p. 205).

Na educação, a reflexão-ação baseadas no conhecimento científico ajuda a transformar realidades, à medida que o trabalho deixa de ser “mecanizado” e passa a ser reflexivo. Contudo, os baixos salários dos professores no Brasil obrigam muitas vezes o educador a duplicar, ou até mesmo triplicar sua jornada de trabalho, dificultando, quando não impossibilitando este profissional de se dedicar ao aprimoramento profissional e à pesquisa.

Os trabalhadores(as) em educação e todos os outros “perdem o chão” quando veem seu emprego ameaçado pela empregabilidade e pela terceirização, pela minimização dos direitos profissionais conquistados com muita luta, e, mais uma vez, na história da humanidade, pela exploração da sua força de trabalho. Perdem o chão quando o avanço, as novas tecnologias, em vez de proporcionarem ao homem oportunidade de ter sua qualidade de vida, é tomado como arma para ser um fator de exclusão. Perdem o chão quando não se sabe para onde se vai, quando as condições de vida e trabalho estão longe de se aproximarem das propagandas oficiais. O discurso que foi construído pelas demandas da área, historicamente representadas nos movimentos de lutas de educadores, tais como *democratização, qualidade, trabalho coletivo, professor reflexivo/pesquisador*, já não é mais referência que designa a opção política da qual ele se originou (LIMA; GOMES, 2002, p. 188).

Sem a estabilidade necessária para se sentir seguro e confiante, fica difícil para qualquer profissional, inclusive o professor, construir estratégias em médio e longo prazo que lhe ofereçam condições para desempenhar bem o seu papel. As políticas públicas precisam ser pensadas e efetivadas em consonância com as necessidades reais dos educadores, dos educandos e da sociedade em geral.

No que diz respeito às questões étnico-raciais, que exigem um olhar cuidadoso e sensível, essa formação continuada se faz ainda mais necessária. Não se trata meramente da questão de implementar uma lei, mas de contribuir com a

conscientização e a valorização dos diferentes povos que constituem o povo brasileiro. Essa tarefa está para além do simples cumprimento de uma determinação legal, mas constitui, sobretudo, uma ação humanitária, cidadã, que cabe a todos nós. Na escola, tal ação tem de ser tratada com seriedade, levando aos alunos de todas as idades o conhecimento de sua história, de seu pertencimento, usando ferramentas que sejam adequadas à sua idade. Esta postura subsidia a construção de uma imagem positiva de si e do outro, respeitando a nossa diversidade e a nossa história do ponto de vista de todos, e não apenas do vencedor.

FIGURA 01: Bonecas negras. 1. Aninha; 2. Maria.



Fonte: Arquivo pessoal.

5. CONCLUSÃO

Observamos, ao longo das vivências realizadas, que trazer para a sala de aula ferramentas que fomentem a discussão étnico-racial de maneira lúdica, despertando o interesse das crianças num contexto que respeite o universo infantil e suas singularidades, pode produzir excelentes resultados. As crianças passam a se observar, reconhecer, observar as diferenças ao seu redor, aprendendo, assim, a identificar e valorizar todas as diferenças que se fazem presentes no cotidiano escolar. Esse trabalho, no entanto, não deve ser pontual, restrito a uma determinada data ou mês. Faz-se necessário um trabalho contínuo, que dure o ano inteiro, inserindo a temática étnico-racial dentro de todo o currículo escolar, desde os eixos temáticos às práticas desenvolvidas nas unidades de Educação Infantil.

Contribuir para que a criança vivencie um ambiente rico em experiências, procurando fugir de estereótipos, é uma parte importante do trabalho nos ambientes educacionais, uma vez que nossa sociedade está fortemente marcada por esse tabu. Em relação a brinquedos e cores não é diferente. É possível observar que antes de a criança nascer, já existe certo “determinismo” em relação às cores a serem usadas e aos brinquedos a serem comprados.

Muitas vezes, a escola dá continuidade a este círculo de preconceitos, na medida em que não propicia espaços onde a criança possa vivenciar, de acordo com seu nível de desenvolvimento, de forma lúdica e criativa, experiências nas quais elas se sintam valorizadas e aprendam a valorizar a diversidade presente na cultura de seu povo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 29 nov. 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis: jogo, a criança e a educação**. 18. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

LIMA, Maria Socorro Lucena; GOMES, Marneide de Oliveira. Redimensionando o papel dos profissionais da educação: algumas considerações. In: PIMENTA, Selma Garrido; GUEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, Mario Osorio. **A formação profissional da educação**. ed. rev. Ijuí/RS: Ed. Unijuí, 2006. (Coleção Mario Osorio Marques; v. 3).

MOYLES, Janet R. **Só brincar?: O papel do brincar na educação infantil**. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.